



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

GRETA THUNBERG E O CASO “PIRRALHA”: A REPRESENTAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA ATIVISTA NO JORNALISMO BRASILEIRO

Beatriz Garcia Borghini; biaborghini@gmail.com¹

Juliana Doretto; jdoretto@gmail.com²

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de investigar a representação midiática da jovem Greta Thunberg no episódio em que a ativista sueca foi chamada pelo presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro, de “pirralha”, em 2019, após a ativista ter criticado a falta de medidas do governo brasileiro para a proteção aos povos indígenas. Tendo como base teórica estudos sobre a representação da adolescência na mídia, a pesquisa se volta à investigação de materiais jornalísticos da mídia nacional que cobriram o caso, a partir da análise de conteúdo, segundo Bardin (2002). Entre os resultados encontrados, notamos que a cobertura deu destaque para a jovem nas imagens publicadas, mas reproduziu estereótipos ligados ao ideal contemporâneo de adolescência, ressaltando a condição juvenil de Greta e sua postura rebelde.

PALAVRAS-CHAVE

Adolescência. Jornalismo. Representação. Greta Thunberg. Pirralha.

1. INTRODUÇÃO

Greta Thunberg, nomeada como personalidade do ano pela revista “Time” em 2019, começou sua jornada como ativista ambiental em 2018, com 15 anos, quando decidiu não frequentar as aulas para protestar contra as ondas de calor e incêndios na Suécia. O protesto ganhou proporções mundiais por meio nas redes sociais: sua ação repercutiu na internet, e acabou sendo reproduzida por outros jovens, em diversos países.

Em 2019, quando indígenas brasileiros da etnia Guajajara estavam

¹Graduanda em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), bolsista de iniciação científica (Fapic/Reitoria) e membro da Recria (Rede de Pesquisa em Comunicação, Infância e Adolescências). E-mail: biaborghini@gmail.com.

²Jornalista e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. Pesquisadora e professora do Programa de Linguagens, Mídia e Arte (Limiar) e do curso de jornalismo da PUC-Campinas. Cofundadora da Recria. E-mail: doretto@gmail.com.



sendo mortos a tiros, no Maranhão, a ativista partiu em defesa dos povos originários do Brasil, em uma de suas redes sociais: “Os povos indígenas estão sendo literalmente assassinados por tentar proteger as florestas do desmatamento. Repetidamente. É vergonhoso que o mundo permaneça calado sobre isso”, escreveu (ISTO É, 2019). Em contrapartida, após sua afirmação, o presidente da República, Jair Bolsonaro³, chamou Thunberg de “pirralha” e disse que a mídia estava “dando muito destaque para uma criança” (MAZUI, 2019). Em resposta, ela mudou a descrição de seu perfil no Twitter, se definindo como “pirralha”.

Segundo Mazetti e Freire Filho, autores do artigo “‘Apenas uma garota’: Greta Thunberg e os enquadramentos da raiva”, “uma das estratégias mais recorrentes para deslegitimar sua atuação pública é apresentá-la como ‘apenas uma criança’” (MAZETTI; FREIRE FILHO, 2020, p. 8). Essa afirmação é um reflexo direto da fala de Bolsonaro: mesmo ocupando um espaço de notoriedade, ganhando prêmios e sendo celebrada em revistas internacionais, a jovem ainda é considerada por um adulto, o presidente brasileiro, como uma “pirralha”, em razão de sua pouca idade. Esse termo aliás, segundo o Dicionário Aulete, em sua versão on-line⁴, tem a definição de “menino pequeno; criança; fedelho; petiz”. Ou, nos dicionários da editora portuguesa Porto, a expressão aparece como “criança ou jovem atrevido ou com pretensões de adulto; fedelho”, em significado pejorativo⁵. Nesse sentido, Mazetti e Freire Filho (2020, p. 8) afirmam que, para grande parte da sociedade, as manifestações da estudante sueca “não deveriam ser levadas em consideração, já que seriam fruto de imaturidade ou manipulação”, características tipicamente associadas à infância e também à adolescência, por conta do desenvolvimento cognitivo que marca essa fase, mas que também a estigmatiza como um período de pouca racionalidade (DORETTO, 2020).

Assim, diante desse cenário, queremos compreender se a produção jornalística brasileira, ao abordar o caso, acabou de alguma forma por

³ O governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro, iniciado em 2018, busca enfraquecer a legislação de proteção do meio ambiente e dos povos originários do Brasil.

⁴ Disponível em: <www.aulete.com.br/pirralho>. Acesso em 8 mar. 2020.

⁵ Disponível em: <www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pirralho>. Acesso em 8 mar. 2020.



reverberar essa representação social redutora e estereotipada da infância e da adolescência, ou se narrativas em que a jovem sueca aparece acabam por construir imagens mais complexas dessa etapa da vida. Assim, tentaremos responder neste estudo à seguinte pergunta: *Como Greta Thunberg foi representada no jornalismo on-line brasileiro no evento em que a ativista foi chamada de “pirralha” pelo presidente brasileiro Jair Bolsonaro?*

2. ADOLESCENTES E JORNALISMO

No livro “A adolescência”, Calligaris (2000) explica que essa fase é uma construção social, e não apenas uma fase biológica. O autor diz que, na sociedade contemporânea, com o início da puberdade, uma criança de cerca de 12 anos já estaria fisicamente apta para a entrada na vida adulta. Mas os mais velhos procuram adiar esse período, impondo uma série de condições e argumentando que falta maturidade a esses jovens, ainda que seu corpo e sua capacidade cognitiva já tenham se desenvolvido nesses últimos anos. É essa fase de espera, chamada de “moratória”, que constitui a adolescência. Dessa forma, o autor destaca que os jovens se veem repreendidos e angustiados, aguardando pelo término dessa etapa. “Há um tempo de suspensão entre a chegada a maturação dos corpos e a autorização [...] Essa autorização é postergada” (CALLIGARIS, 2000, p. 8).

Já Becker (2017) mostra como o processo de amadurecimento pode ser feito de maneira gradual, trazendo como exemplo o conjunto de ilhas polinésias de Samoa. Diferentemente da sociedade ocidental, ali, as responsabilidades são dadas aos poucos à criança, que assim, posteriormente, se torna um adolescente que entende seus deveres e tarefas. Isso não ocorre nas nossas sociedades, em que os jovens ficam muitas vezes presos aos comandos dos mais velhos, ainda que sejam pressionados a serem responsáveis por suas ações. Assim, a contradição é algo a ser levado em consideração no estudo da adolescência: os adultos parecem incentivar a autonomia dos jovens, para que eles possam entrar na vida adulta, e ao mesmo tempo lhe colocam restrições, pois não confiam neles totalmente. Além disso, os mais velhos costumam também



idealizar esse momento, como algo alegre e prazeroso, por conta da ausência de atividades laborais.

O jornalismo é uma das esferas sociais que reforçam essa construção, por meio das representações dos adolescentes que apresenta em suas produções. Marcos Alexandre (2001, p. 116) conceitua as representações sociais como as que “fundamentam a própria compreensão que os grupos sociais têm de si mesmos e dos outros, isto é, a visão social e a auto-imagem”. Seguindo esse padrão, em nosso imaginário, esperamos que alguns indivíduos se mostrem frequentemente sempre de uma determinada maneira. Segundo Carvalho e Doretto (2020, p. 93), a representação social “é o modo como esperamos que uma pessoa se comporte sendo médico ou professor (ou um paciente), mas que é diferente de quando o sujeito interage como pai, por exemplo”. Ou seja, as autoras dizem que essa consciência coletiva de determinadas representações sociais está a todo momento reafirmando crenças e valores de cada sociedade.

Essas imagens e convicções também são reproduzidas nos meios de comunicação, como cita Vizeu (2006). Diariamente, a representação de determinados grupos sociais pode ser vista através de textos, vídeos, sons e imagens, permanecendo no imaginário coletivo. Assim, o jornalismo é também um “palco”, em que determinadas simbologias e padrões são reproduzidos, e que diz que as pessoas devem cumprir certos papéis sociais, por conta daquilo que é mostrado. Alexandre (2001, p. 116) afirma que os meios de comunicação, integrados “por um grupo de especialistas formadores e sobretudo difusores de representações sociais, é responsável pela estruturação de sistemas de comunicação que visam comunicar, difundir ou propagar determinadas representações”.

Nesse sentido, em relação aos jovens, Marôpo (2012) ressalta que, no Brasil, até meados dos anos 90, a cobertura da infância e adolescência era praticamente inexistente. Após esse período, as empresas jornalísticas começaram a perceber que o jornalismo deveria abranger outros públicos. Mesmo assim, as notícias que falam sobre as crianças ainda são poucas e também aparecem sobretudo nas perspectivas dos adultos, já que os interesses dos mais novos pouco aparecem: “Embora se admita uma crescente visibilidade



da infância, pesquisas mais recentes continuam a denunciar a sub-representação midiática das crianças e a negligência dos assuntos relacionados com elas” (MARÔPO, 2012, p. 49). A autora também diz que é queixa recorrente dos jovens não se sentirem representados nos meios de comunicação e levanta um ponto importante, que explica essa sensação: “Raras vezes os mais novos são consultados como fontes das notícias numa perspectiva de análise das questões que lhes dizem respeito” (MÂROPO, 2012, p. 52).

Há alguns veículos jovens que conseguem representações mais interessantes da adolescência, pelo menos em alguns aspectos. Um exemplo é uma revista voltada ao público jovem, a *Todateen*⁶, que é abordada no texto de Gonçalves (2009). A autora ressalta a utilização de gírias pela publicação e por outras revistas do gênero, como a *Capricho*, como estratégia de aproximação com o público. Essas expressões deixam a leitura mais acessível para as adolescentes, e a linguagem acaba sendo também uma maneira de representar melhor as leitoras, pois a adolescente se enxerga nas páginas da revista.

Apesar dessa preocupação com a linguagem, “em termos de conteúdo, a revista não difere muito de outras também voltadas para jovens [...] Em geral, as matérias se baseiam no cotidiano vivenciado pelos jovens em casa, na escola, e seus relacionamentos com os pais, amigos e namorados” (GONÇALVES, 2009, p. 28). Ou seja: essas publicações também reproduzem certas visões redutoras da juventude, e contribuem para a construção da representação social hegemônica desses jovens. Assim, a revista enfatiza uma única maneira de designar esse grupo, retratando as adolescentes como aquelas que têm uma vida social intensa e muito interesse na vida amorosa, quando isso não é uma verdade absoluta. E, “diante de uma sociedade convencionalizada, as pessoas sempre estarão prontas para receberem efeitos dessas representações de forma inconsciente” (GONÇALVES, 2009, p. 18).

Duarte et al. (2019) mencionam, no texto “Garota *Capricho*: universo adolescente representado em páginas de revista”, aspectos semelhantes a esses encontrados por Gonçalves. A publicação é conhecida por ser uma revista adolescente, lida por meninas brasileiras desde os anos 1980⁷. De acordo com as

⁶ A revista deixou de circular e hoje se restringe ao site.

⁷ Hoje, também é apenas um site.



autoras, a revista, assim como o encontrado na *Todateen*, deixa de lado o texto prolixo, e usa palavras mais coloquiais, para se comunicar com adolescentes. Esse jornalismo informal foca na leitora e se aproxima dela: “Como é uma conversa entre amigas, gera identificação e as aproxima da *Capricho*” (DUARTE et al., 2019, p. 8), assim como é feito na *Todateen*.

Porém, mesmo que a revista invista nessa proximidade com seu público-alvo, meninas adolescentes, ocorre novamente uma representação estereotipada e com pouca diversidade. Isso envolve também a questão de gênero, pois a publicação apresenta manchetes como “Como turbinar o seu beijo” e “Garotos sem drama: o que nunca falar para eles”, que consideram o público feminino apenas heterossexual e desejoso de aprovação do parceiro. A revista parece desconsiderar ainda raça (como indígenas e adolescentes com descendência asiáticas), classe e sexualidade e deficiências físicas e cognitivas. “Os rostos estampados na *Capricho* seguem determinado recorte: todos estão de acordo com o padrão de beleza da mídia, inacessível à maioria das pessoas. Mais que isso, não há diversidade: não há pessoas negras, gordas, pobres ou LGBTI nas capas analisadas” (DUARTE et al., 2019, p. 8).

Sendo assim, a autora portuguesa Catarina Machado (2014) reforça a necessidade urgente de jornalistas abordarem mais os sentimentos e pensamentos das crianças e adolescentes. “Uma reportagem jornalística que aprofundasse estas razões seria um passo importante para se compreender melhor a sociedade, ao mesmo tempo que conferia legitimidade à voz dos seus protagonistas – crianças e jovens” (MACHADO, 2016, p. 39). Ela sustenta que dar voz a esses protagonistas é não só desconstruir representações estereotipadas, mas evidenciar que os jovens são silenciados.

Da mesma forma, Doretto (2020) mostra o quanto todos os estereótipos e ideais sobre adolescência reforçam o período de limbo e incertezas vivido pelos jovens: “Notamos que o jornalismo reflete a moratória imposta aos adolescentes, afastando-os como público preferencial e não trazendo suas vozes na construção das narrativas noticiosas” (DORETTO, 2020, p. 14). Para finalizar, Doretto (2019) diz ainda que a relação dos jovens com o jornalismo é dual. Ou seja, o adolescente reconhece sua importância e por vezes recorre a



veículos noticiosos para detectar a veracidade de uma informação, mas também não encontram muitas vezes nas narrativas noticiosas conteúdos pelos quais se interessam.

3. GRETA THUNBERG E A ADOLESCÊNCIA ATIVISTA

Greta Thunberg, nascida em 2003, é uma adolescente sueca que ganhou notoriedade em 2018, quando tinha 15 anos. Sua projeção mundial se iniciou quando ela decidiu que não iria à escola todas as sextas-feiras, para fazer um protesto em frente ao Parlamento sueco contra o não cumprimento das medidas do acordo de Paris, voltado à redução do aquecimento global. Os atos se estenderam por outros países europeus, com outros jovens também aderindo ao movimento, chamado de *Fridays for future* (Sexta-feira pelo futuro). Com isso, Thunberg atingiu patamares importantes no ativismo ambiental, tendo proferido, naquele ano de 2018, discurso na Conferência das Nações Unidas pelas Mudanças Climáticas. Ela também foi à sede da ONU, em Nova York, cobrar das autoridades a diminuição de gases que aumentam o efeito estufa, na abertura do Encontro de Cúpula sobre Ação Climática, em 2019.

Por conta de seus discursos e sua visibilidade mundial, Greta tem sido frequentemente atacada por líderes políticos, que discordam de sua postura de proteção ambiental e endossam políticas que não priorizam a preservação do meio ambiente, como o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, como no caso estudado neste artigo. Aliás, Miranda et al. (2019) mostram a reação da chamada mídia bolsonarista após a publicação de Greta em favor dos povos indígenas, com a indicação do presidente, em seu Twitter, de canais no Youtube que compactuam com suas visões políticas. Os vídeos, com títulos como “A farsa - Menina Greta” e “ONU – Bolsonaro e a Menina Fantoche”, fazem acusações, dizendo que a jovem é financiada por organizações de esquerda e que é manipulada.

Essas constatações também são trazidas por Silva (2019). O autor pondera que os opositores de Greta (como ficou conhecida) lhe fazem críticas, como a fala de Bolsonaro chamando-a de pirralha, por conta de sua condição



juvenil, deslegitimando-a. “Se levarmos em conta o modo como culturalmente se construiu a figura da criança e do jovem, ou seja, são sujeitos incapazes e dependem da figura de um adulto para ter a voz validada” (SILVA, 2019, p. 1553). Outro ponto levado em consideração é seu diagnóstico com Síndrome de Asperger, transtorno neurobiológico do espectro autista: os *haters* atacam Greta por essa condição e a acusam de ser intelectualmente inapta.

Alves (2020), por sua vez, compara a adolescente com o educador Paulo Freire, já que ambos incomodam o atual presidente da República, Jair Bolsonaro. Além disso, as duas personalidades têm discursos correlacionados, que defendem que os sujeitos cheguem a novos patamares de consciência da realidade na qual estão inseridos. Segundo Alves (2020), a pedagogia libertadora de Paulo Freire e a postura da ativista socioambiental Greta Thunberg se completam: “Em Thunberg a pedagogia libertadora de Freire pulsa, mostra que ainda está viva e, por isso, incomoda” (ALVES, 2020, p. 24).

Fernandes e Santos (2020, p. 11) destacam que, além das declarações do ex-presidente dos EUA, Donald Trump, o secretário do Tesouro dos EUA, Steven Mnuchin, também a ironizou, declarando que a ativista deveria “primeiro estudar economia para depois voltar a procurá-lo”. As autoras também refletem que a maioria dos comentários em apoio ao ex-presidente são feitos por homens, abrindo discussão sobre o machismo dos comentários e sobre a postura da sociedade patriarcal em relação à adolescente, que se opõe ao pensamento desses homens. Segundo elas, nos comentários, a violência discursiva se soma à violência estatal, institucional e política contra as mulheres. “A raiz do problema está exatamente nos violentos processos culturais que cultivam a hegemonia do homem opressor e a submissão da mulher” (FERNANDES; SANTOS, 2020, p. 11).

Apesar de todo esse cenário de ódio e violência, Greta é modelo para diversos jovens em todo o mundo, pelas causas que defende. Doretto e Casaqui (2020) mostram que ela, nas suas redes sociais, é vista como um modelo que inspira e que também é inspirada: como pode ser visto em imagens suas no Instagram, com outros ativistas e líderes reconhecidos pela luta ambiental ou pelos direitos dos adolescentes, como Malala Yousafzai. Nessa mídia social,



também é possível perceber fotos da jovem e em seu convívio pessoal, em que “Greta assume o papel social tradicionalmente direcionado aos adolescentes, como aqueles que usufruem de um período de preparação para o mundo adulto, repletos de momentos de prazer e alegria” (DORETTO; CASAQUI, 2020, p. 11).

Johansson (2019) também destaca que o cenário em que jovens como Greta vivem (que ele chama de millenials), com crise e insegurança, os torna preocupados com a gerações futuras e os fazem não esperar pela iniciativa dos adultos (autoridades) para a preservação do meio ambiente, cobrando para que os governantes cumpram o que prometem. “[...] Os millenials são obrigados a lidar com condições muito duras de vida. A crise financeira global os atingiu em cheio, dificultou sua entrada no mercado de trabalho e os fez sofrer reverses nas principais conquistas da vida” (JOHANSSON, 2019, p. 2).

Esses jovens são os que se juntaram a Thunberg em frente ao parlamento sueco nos protestos, uma influência que também atingiu outros países, como a Alemanha, em que outra jovem, Luisa Neubauer, ficou conhecida como Greta Thunberg alemã. É o chamado “efeito Greta”, como cita o autor, em que os jovens se colocam para provocar mudanças, lutando para ter melhores condições futuras. A seguir, veremos como a mídia jornalística brasileira retrata a ativista, a partir do caso em tela.

4. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa que se baseia nos princípios da análise de conteúdo, segundo Bardin (2002). Esse método (BARDIN, 2002, p. 44) se constitui num “conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos [...]”. Herscovitz (2007, p. 126) complementa, dizendo que essa metodologia “recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia”.

Dentro do campo da análise de conteúdo, trabalhamos com a do tipo *categorial*, que busca investigar um texto de acordo com a classificação e quantificação de *unidades de sentido*. “É o método das categorias, espécie de



gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem” (BARDIN, 2002, p. 39). Isso possibilita o desvendar de determinados processos, por meio da “descrição de mecanismos de que a priori não possuíamos a compreensão” (BARDIN, 2002, p. 31).

É importante considerar ainda que a análise de conteúdo tem uma fase de pré-análise, em que são escolhidos os materiais a serem estudados e definidas as *unidades de sentido* a serem utilizadas; ou seja, que elementos serão selecionados de todo o conteúdo levantado, para que se possa responder ao objetivo da pesquisa. Em outras palavras, como cita Fonseca Júnior (2011), acontece a exploração do conteúdo, buscando analisar a frequência com que aparece um símbolo, ideia ou tema. Nesse sentido, é possível refletir sobre o equilíbrio na quantidade de atributos favoráveis ou desfavoráveis relacionados a uma certa ideia e sobre a quantidade de associações manifestadas sobre um símbolo, por exemplo.

No nosso caso, as *unidades de sentido* definidas foram: fotos presentes nas reportagens que cobriram o caso, e sua descrição (se há fotos da adolescente e do presidente; e se os personagens envolvidos aparecem com semblantes calmos, enfurecidos ou irônicos); e termos qualificadores de Bolsonaro e Greta. Por fim, depois dessa etapa, os resultados obtidos são interpretados, numa fase que Bardin (2002) chama de inferência.

5. DADOS LEVANTADOS

As matérias selecionadas, relacionadas ao episódio em que a ativista foi chamada pelo presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro, de “pirralha”, foram encontradas após uma pesquisa no Google Notícias. Para isso, fizemos a busca com as palavras-chave Greta Thunberg e Jair Bolsonaro. Dessa forma, as primeiras matérias que aparecem já fazem referência ao episódio “pirralha”, ocorrido no dia 10 de dezembro de 2019, com uma vasta cobertura do caso, com 17 matérias, em sites como *G1*, *Estadão*, *Folha de SP*, *UOL*, *Veja*, e *Catraca Livre*, entre outros. Com a mudança da descrição do perfil de Greta no Twitter para “pirralha”, outros sites também mencionaram o ocorrido, como *Exame*, *DW* e *TV Jornal*.



Um dia depois da declaração de Bolsonaro, Greta foi nomeada como personalidade do ano pela revista *Time*, o que gerou matérias relacionadas ao ocorrido no dia 10 de dezembro, como a publicada no *Jornal do Brasil*: “Pirralha para Bolsonaro, Greta Thunberg é eleita ‘Pessoa do ano’ pela *Time*”, fazendo menção à fala de Bolsonaro, em contrapartida ao reconhecimento da jovem em uma revista de tanta importância. Ainda houve matérias que não relacionaram a nomeação de Greta ao episódio ocorrido no dia anterior nos títulos, como foi o caso dos veículos *Gazeta do Povo*, *Folha de S.Paulo* e *UOL*. Além disso, nas plataformas de áudio, o Café da Manhã, da Folha, dedicou um episódio a esses acontecimentos, chamado “Podcast explica quem é a jovem ativista Greta Thunberg”. Uma matéria também postada um dia após o episódio destaca, além do nome de Thunberg, acusações do presidente a Leonardo DiCaprio, também crítico das ações do político: “Bolsonaro volta a chamar Greta de ‘pirralha’ e a acusar Leonardo DiCaprio”, no *Correio Braziliense*. Ao todo, foram 14 reportagens.

Greta é a mais jovem a ser indicada individualmente ao título da *Time*: na época, a adolescente tinha 17 anos. E a imprensa ressalta seu poder positivo, motivando outros jovens a defender a preservação da natureza e do clima e a lutar contra o aquecimento global, cobrando as autoridades: “Revista americana diz que sueca ‘inspirou 4 milhões de pessoas a se unir à greve climática global’”, afirma a linha fina da *Folha*; e “Aos 16 anos de idade, ela tem um movimento mundial sob sua liderança”, diz o subtítulo *Carta Capital*. Já a *Gazeta do Povo*, que traz em sua linha editorial pilares que se alinham ao governo Bolsonaro, como a defesa do neoliberalismo e o conservadorismo nos costumes⁸, diz no texto que anuncia o prêmio que “ela foi amplamente criticada pelo tom catastrófico que dá às questões ambientais”.

Seguindo a pesquisa no Google, mudando para a segunda página, algumas matérias dos dias seguintes começam a aparecer. Dois dias após o caso envolvendo Bolsonaro, o presidente Donald Trump fez uma declaração, alegando que a adolescente tinha um “problema de controle de raiva”. Novamente, Greta trocou a descrição de seu Twitter para “Adolescente

⁸ Ver: <<https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/nossas-conviccoes/por-que-apresentar-nossas-conviccoes-amjuimg7lvs0o32kbx8ih23o4/>>. Acesso em 5 jul. 2020.



trabalhando em seu problema de controle da raiva. No momento vendo um bom filme antigo com um amigo”. Na matéria do site *G1*, “Após responder Bolsonaro, Greta Thunberg muda novamente seu Twitter para rebater Donald Trump”, menciona-se que foi a segunda vez na semana que a jovem foi atacada: por Bolsonaro, no dia 10 de dezembro, e pelo presidente da República norte-americana, Donald Trump, no dia 12.

Três dias após o episódio da fala de Bolsonaro, foi gerada uma capa na revista *Isto É*, com o título “Por que Bolsonaro se irrita tanto com Greta”, em que se diz que ela “representa o antídoto à toda a ojeriza que o presidente da República carrega em relação à preservação ambiental. Oito dias após o episódio do dia 10 de dezembro, foi publicada pelo jornalista Jamil Chade uma coluna, no site *UOL*, com o título “‘Pirralha’ Greta Thunberg manda recado a Jair Bolsonaro: ‘Escute a ciência’”, em que perguntou diretamente a Greta o que ela diria a Bolsonaro. Foi o único texto em que a mídia brasileira ouviu a jovem

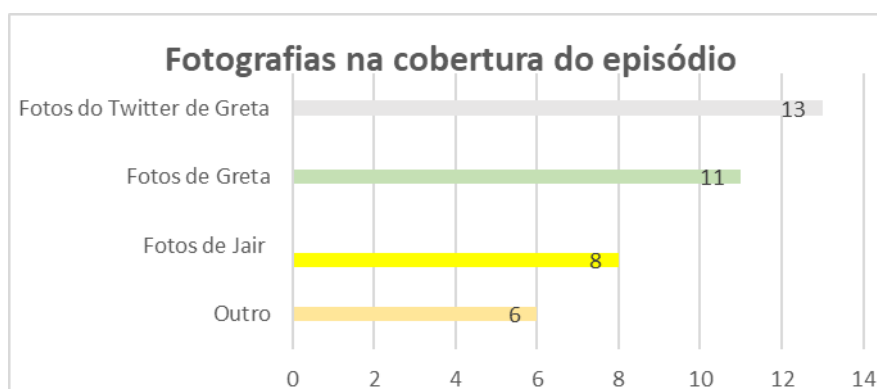
A proposta inicial de pesquisa seria analisar matérias de até três meses após o ocorrido, porém as únicas três reportagens relacionadas ao episódio encontradas foram de cerca de 20 dias após 10 de dezembro de 2019. Entre essas notícias, os destaques são sobre as cobranças de posicionamento de Greta e Macron por Bolsonaro sobre os incêndios ocorridos no início do ano nas florestas australianas (*Poder360*). E uma matéria no site *Último Segundo*, em que a manchete dizia “Ano de 2020 promete ser mais de Greta Thunberg e menos de Trump e Bolsonaro” (5/1), referindo-se a uma frente de combate a governantes que não acreditam nas causas climáticas. A ativista também fez uma declaração em um programa de rádio que se tornou destaque no site *G1* (30/12), falando sobre os ataques recentes de Bolsonaro e Trump: “Eles nos veem como uma ameaça”, disse ela. Na mesma reportagem, ainda há uma fala de Greta em relevo: “Espero não ter que continuar sendo uma ativista do clima. Só quero ser como todo mundo. Quero me educar e ser uma adolescente normal”. Essa foi uma das poucas reportagens em que foi abordada, além da Greta ativista, uma faceta mais pessoal e menos política da jovem.



6. ANÁLISE DA COBERTURA DO EPISÓDIO

Como o corpus selecionado é de tamanho considerável, um recorte se faz necessário: vamos partir para análises mais detalhadas das 17 matérias que cobriram o caso no dia de seu acontecimento (uma delas, da *Jovem Pan*, é um vídeo, e ele não será investigado, por conta da impossibilidade de comparação dos itens selecionados). Em primeiro lugar, vamos observar as imagens das matérias, elencadas no gráfico abaixo:

Gráfico 1



Fonte: As autoras.

A partir da análise das fotos das matérias⁹ no dia 10 de dezembro de 2019, podemos dizer que as notícias deram destaque para a jovem, seja com imagens suas ou de seu Twitter: em praticamente todas as notícias existem fotos de Greta ou uma reprodução de sua conta na rede social (apenas um texto, da *Carta Capital*, traz imagem somente de Bolsonaro). Como dito, a jovem, em sua conta, após ser chamada de pirralha pelo presidente, trocou sua biografia para a expressão “pirralha”, e por isso 10 veículos colocaram um ou dois *prints* do seu *Twitter*, mostrando esse dado, ou o *post* em que Greta saía em defesa dos indígenas mortos no Brasil e criticando a atitude do governo brasileiro.

Algumas poucas variações são percebidas no veículo *Estadão*, que publicou duas fotos de Bolsonaro, uma no topo da matéria e outra no decorrer do texto, e a de Greta no final. O veículo apresenta um posicionamento mais

⁹ Na categoria Outros, foram classificados itens que não puderam ser reunidos em diferentes categorias, como *tweets* que não são de Greta ou Bolsonaro, vídeos de entrevistas do presidente e vídeos publicados pelos veículos explicando o caso.



conservador e liberal em sua linha editorial, e isso poderia explicar o maior destaque nas fotos do presidente, visto como uma autoridade política da direita. A cobertura, porém, tratou Greta como “um dos principais nomes na articulação contra os efeitos das mudanças climática”. Já a revista *Carta Capital* publicou somente uma foto do presidente no topo da notícia, sem nenhuma foto de Thunberg. A revista, em seus editoriais, mostra-se claramente alinhada à esquerda. Dessa forma, trazer a imagem somente de Bolsonaro, sem dar destaque imagético à jovem, não parece ser condizente com essa linha mais combativa.

O *G1*, além de ter trazido duas imagens do *Twitter* de Greta, com sua troca de biografia e seu *tweet*, e uma foto da jovem, publicou um vídeo que mostra o momento em que o presidente, ao ser questionado por jornalistas, na saída do Palácio da Alvorada, em Brasília, sobre as críticas de Greta, a chama de pirralha. O *Catraca Livre* também trouxe um vídeo de 5 minutos, com uma jornalista fazendo uma breve biografia de Greta e falando sobre sua nomeação como personalidade do ano na revista *Time* e sobre os enfrentamentos as autoridades de poder, além das fotos de Greta e Jair. No mesmo dia, o veículo também publicou outra matéria, com fotos da ativista e um *tweet* da deputada Margarida Salomão saindo em defesa de dela: “Fala grosso com uma adolescente mulher. Fala fino com o presidente dos EUA”. Por fim, o *JC*¹⁰ mostra uma *fake news* compartilhada pelos apoiadores de Bolsonaro com o vídeo de uma menina parecida com Greta com uma arma. Esses elementos estão classificados no gráfico acima como “Outros”.

Segundo Fernandes e Santos (2020), já citadas em discussões acima, o *tweet* da deputada pode trazer como reflexão: as posturas do ex-presidente Donald Trump e de Jair Bolsonaro, que fazem duras críticas a uma adolescente que discorda de suas ideias, e por isso a tratam com violência e opressão em seus discursos, reforçam uma imagem da adolescente como não digna de atenção — para eles, é como se a mídia estivesse colocando em destaque “apenas” uma adolescente, que não merecia tal lugar. Essa imagem está tão enraizada que foi fala do presidente Jair Bolsonaro: “Tem até uma pirralha que

¹⁰ Grupo de mídia de Pernambuco que reúne o *JC* (Jornal do Commercio), a Rádio Jornal, a TV Jornal e o Portal NE10.



tudo o que ela fala à nossa imprensa dá um destaque enorme”.¹¹ As autoras destacam ainda que esse posicionamento dos políticos envolve também machismo, pois se trata também de uma mulher que confronta um homem. A mídia, porém, parece fazer frente a esse comportamento, dando muito destaque visual à ativista e ao seu *post*.

Analisando as expressões das fotos presentes nas 17 matérias, Greta aparece em 7 imagens (das 11 em que está retratada) com uma face irritada; em dois desses veículos (*Estadão* e *UOL*), ela está inclusive com expressão com certa fúria (Figura 1), em fotografias que foram realizadas em alguns de seus discursos; em outras quatro, está com uma expressão séria ou pensativa, tomada em alguma fala pública. Ou seja, mesmo quando as notícias se referiam à sua resposta irônica a Bolsonaro (uma piada, com a mudança de sua “bio”), as fotos que não eram “prints” de seu Twitter em alguns veículos não pareciam condizer com a brincadeira feita por Thunberg.

Em *Exame*, por exemplo, com o título “Após crítica de Bolsonaro, Greta coloca ‘pirralha’ na bio do Twitter”, Greta aparece com uma feição fechada, olhando para baixo, enquanto Bolsonaro está sorridente. O mesmo veículo traz, em outra matéria no mesmo dia (“Impressionante o espaço dado para uma pirralha, diz Bolsonaro sobre Greta”), uma foto de Greta calma e com uma expressão sorrindo levemente. Já no veículo *Catraca Livre*, com o título “A resposta irônica da ‘pirralha’ Greta Thunberg a Jair Bolsonaro”, a jovem aparece em uma foto sorridente (Figura 2), da mesma forma que no site *TeVê Jornal*¹².

Segundo Carvalho e Doretto (2020, p. 93), a representação social “é o modo como esperamos que uma pessoa se comporte”, reafirmando crenças e valores de cada sociedade. No caso de Greta Thunberg, mesmo quando ela é irreverente, a mídia, de forma geral, a coloca como uma adolescente irritada, escolhendo fotos em está com o rosto franzido e com a expressão fechada, para retratá-la como uma adolescente rebelde. Essa representação segue certos estereótipos sobre os jovens, tido como revoltados por enfrentarem o período de “moratória”, e a mídia reproduz esse padrão. Segundo Doretto e Casaqui (2020)

¹¹ https://correio.rac.com.br/_conteudo/2019/12/mundo/887994-bolsonaro-volta-a-chamar-greta-de-pirralha.html

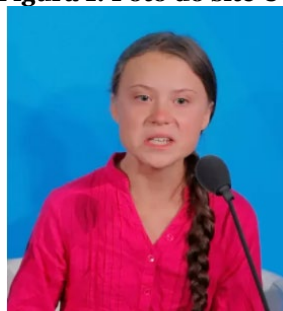
¹² TV Jornal: a TV faz parte de um dos maiores conglomerados de comunicação do Nordeste, ao lado do Jornal do Commercio, Portal NE10, JC OnLine, Rádio Jornal e Rádio JC News. O site está com o domínio no site UOL.



muitas vezes essa postura é trazida pela própria Greta, quando ela posta em seu Instagram imagens públicas suas com fúria, acompanhadas de falas que mostram que ela não desejava estar ali (preferiria seguir com a escola e o encontro com amigos), mas tem de fazê-lo por conta dos desmandos com o ambiente. Trata-se do que os autores chamam de um modo de “enfrentamentos dos adultos”, e, no caso dos veículos observados, nota-se esse modo de representar Greta, como uma jovem que “invadiu” o espaço adulto, e está se opondo a autoridades com raiva, mesmo quando sua estratégia foi usar a ironia.

Bolsonaro, por sua vez, não aparece de modo muito diverso: na maioria das fotos, tem expressão séria. Ou seja, por ser um adulto, é representado pelas imagens como uma figura mais austera e de poder, sem grande variação de expressões (ainda que já tenha tido ataques de fúria com a imprensa).

Figura 1: Foto do site UOL



A ativista Greta Thunberg
Imagem: Lucas Jackson/Reuters

Figura 2: Fotos em Catraca Livre

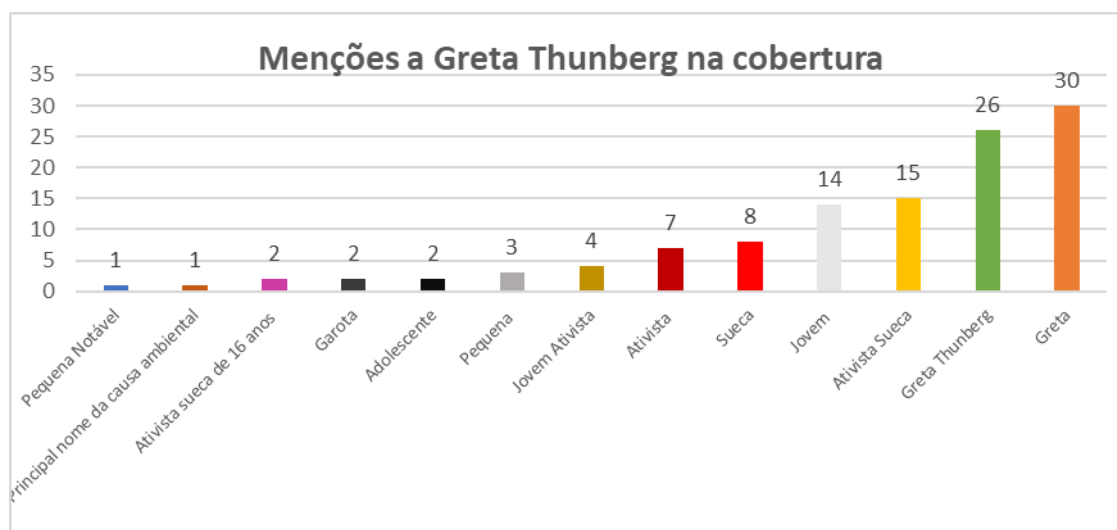


Crédito: Reprodução/Instagram
Greta Thunberg rebate ataque de Bolsonaro com resposta irônica

Fonte: Reprodução.

Investigamos ainda os modos como Greta foi chamada ou qualificada nas reportagens selecionadas. O resultado está no gráfico 2, abaixo.

Gráfico 2



Fonte: As autoras.

Observamos que Greta Thunberg é mencionada de muito mais maneiras que Jair Bolsonaro. Além disso, seu prenome, “Greta”, como ficou conhecida, aparece mais que seu nome e sobrenome, mostrando a diferença de chamamento. Outro ponto percebido é que existem muitas variações, mas algumas destacam sua origem, Suécia, ou fazem alguma referência a sua idade nos termos “ativista sueca de 16 anos”, como escrito em *Exame* e *Veja*, que utilizaram o termo com a idade. Mais uma palavra que também faz referência a sua idade está em “adolescente”, no *Gauchazh* e *Catraca Livre*, e ainda outro termo que também remete a sua idade está nas expressões “jovem” e “jovem ativista”, presentes 18 vezes. “Garota” surge duas vezes. Uma variante foi encontrada no *Catraca Livre*: em duas matérias, Greta Thunberg é chamada como “A pequena, que de pirralha não tem nada”. Somados, todos os termos que de algum modo se referem à sua idade aparecem 28 vezes. Assim, a mídia parece dar destaque à juventude de Thunberg, usando diversas expressões para mostrar seu tempo de vida.

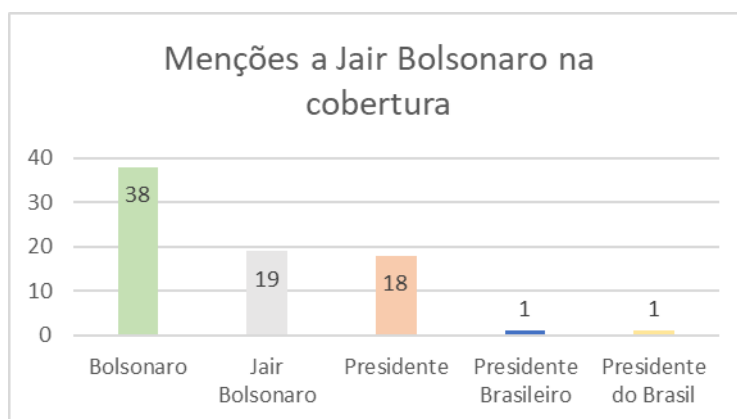
Com isso, a imprensa acaba reforçando estereótipos e padrões. Como afirma Becker (2017), os adolescentes muitas vezes são representados como indivíduos que não se preocupam com causas importantes ou são manipulados. A mídia, ao destacar diversas vezes o termo “jovem”, parece dar a entender que seus discursos em defesa dos indígenas e ao meio ambiente não são esperados, por ela ser “só” uma garota de 16 anos (ainda que isso parece ser visto como algo



positivo, pela imprensa). Um exemplo a ser citado para substituir a sua idade é o termo “ativista”, que poderia ser usado para representar alguém que luta por causas sociais e climáticas, independentemente de idade ou nacionalidade, mas que aparece pouco (sete vezes).

Já a menção ao presidente (Gráfico 3), em sua maioria, é pelo seu sobrenome, “Bolsonaro” (38 vezes), havendo uma diferença significativa em relação às outras expressões. Em algumas matérias, como é o caso de *Estadão* e *TV Jornal*, o sobrenome do presidente aparece quatro vezes. Em seguida, está o nome e sobrenome. Depois, surge a menção de seu cargo, “Presidente”, e por fim pequenas variações, como “Presidente Brasileiro” ou “Presidente do Brasil” (expressões, no entanto, que a mídia parece não reforçar, na cobertura do caso). Nenhum desses termos referem-se a sua idade, e isso não é mencionado em nenhum dos textos. Sua posição de poder parece invalidar qualquer outra característica ligada ao presidente. Com isso, foi possível concluir que, mesmo que Greta seja destaque na maioria das matérias, por meio das imagens, quando se trata de identificar a jovem e o presidente, existe uma significativa diferença de termos: Bolsonaro aparece com seu nome (e menos com seu cargo), e Thunberg surge ligada, além do seu primeiro nome, sobretudo à sua idade.

Gráfico 3



Fonte: As autoras.

Marôpo (2012) explica como a imprensa, mesmo cobrindo assuntos relacionados a infância e adolescência, ainda muitas vezes ouve apenas a visão do adulto. Segundo ela, a mídia sub-representa assuntos relacionados à juventude. No episódio “pirralha”, a mídia fez a cobertura do caso, dando ênfase



a atitude de Greta na cobertura do episódio estudado, mas, como cita a autora, reproduziu estereótipos de relacionados ao jovem, destacando de algum modo a sua idade e o enfrentamento da adolescente a uma autoridade. Catarina Machado também diz que é papel da mídia dar voz a esses protagonistas jovens, mas também desconstruir as representações estereotipadas. Como afirma Doretto (2019b), o jovem se interessa por assuntos ligados a política no jornalismo, mas em uma relação de dualidade, já que, mesmo considerando por vezes o tema importante para as suas vidas, não se sentem representados nos textos que tratam do assunto.

Além disso, no dia do episódio “pirralha”, o caso foi amplamente noticiado, mas após uma semana já não se viam mais matérias relacionadas a ele. Dessa forma, o assunto parece ter sido tratado pela mídia de forma factual, e não houve mais destaque à oposição da ativista ao governo Bolsonaro no período estudado. Por fim, as aspas dela são reproduções, principalmente de sua rede social, e a ativista poderia ter sido ouvida pelos veículos brasileiros (ou pelo menos ter sido procurada por eles, o que ocorreu apenas em uma reportagem).

7. Considerações finais

Esse artigo teve como objetivo investigar a representação midiática da jovem Greta Thunberg no episódio em que o presidente da República do Brasil chamou-a de “pirralha”. A cobertura foi intensa no primeiro dia, com 17 matérias, e no segundo dia, com 14 textos (nesse caso, dando algum destaque a sua nomeação como personalidade do ano na revista *Time*). Logo após, as reportagens diminuem, e apenas três matérias trazem menções ao caso cerca de um mês depois: o que mostra que a cobertura foi feita de maneira pontual, quando o episódio ocorreu. Além disso, os veículos midiáticos se mostraram favoráveis à jovem, colocando-a em destaque nas imagens. Porém, reproduziram-se estereótipos ligados a adolescência, dando destaque nos textos a termos ligados à sua idade e, nas fotos, ao fato de ser uma jovem enfrentando



um adulto, retratando-a como uma adolescente rebelde que enfrenta autoridades no poder.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. O papel das mídias na difusão das representações sociais. *Comum*, v. 6, n. 17, p. 111-125, 2001. Acesso em 16. mar.2021

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo. Edições 70.2002

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2017.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Folha de SP, 2000.

CARVALHO, Renata; DORETTO, Juliana. "Batalha do pequeno coração valente": O jornalismo e as crianças com problemas cardíacos. In: SOARES, Rosana; GOMES, Maya (org.) **Narrativas midiáticas: crítica das representações e mediações**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/ Universidade de São Paulo, 2020.

DORETTO, Juliana; CASAQUI, Vander. AS MÚLTIPLAS FACES DE GRETA: adolescência,ativismo, consumo e inspiração. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 23 a 25 de junho de 2020, **Anais...** Brasília: Compós, 2020.

DORETTO, Juliana. A mídia manipula quem tem cabeça fechada: adolescentes periféricos e a crítica ao jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 16., n. 1, jan. a jun.de 2019.

DORETTO, Juliana. "Eu estabeleço os meus critérios": ressignificações discursivas da notícia por adolescentes brasileiros. In: PRATA, Nair; PESSOA, Sônia C. (Org.). **Fluxos comunicacionais e crise da democracia**. 1ed. São Paulo: Intercom, 2020, v. 1, p. 102-116.

DUARTE, Melissa; MOURA, Dione; SCHONS, Aline. Garota Capricho: universo adolescente representado em páginas de revista. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 42, Belém. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2019.

FERNANDES, Terezinha; SANTOS, Edméa. Ciberfeminismo e multiletramentos críticos na cibercultura. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, e. 76124, 2020.

FONSECA JÚNIOR, W. C. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 280-303.

GRETA Thunberg diz que indígenas foram assassinados por tentar proteger florestas. **Isto É**, 10 de dez de 2019.



GONÇALVES, Gisele. **A representação dos adolescentes pelo jornalismo através da linguagem gíria observada na Todateen**. Monografia (Curso de Comunicação Social/Jornalismo_ - Universidade Federal de Viçosa, 79 f., 2009.

HERSCOVITZ, Heloisa Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

JOHANSSON, Wagner. A geração millennial, o efeito Greta e a defesa do clima. **Percursos**, Curitiba, v. 3, n.30, p. 133-135, 2020.

MACHADO, Helena Catarina. **A voz das crianças e dos adolescentes no jornalismo público**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 79 f., 2014.

MARÔPO, Lidia. Representações jornalísticas de crianças no Brasil e em Portugal: um debate sobre os direitos infantis nas notícias. **Rev. Humanidades**, Fortaleza, v. 27, n. 44-57, 2012.

MAZETTI, Henrique; FREIRE FILHO, João. "Apenas uma garota": Greta Thunberg e os enquadramentos da raiva. **Mídia e Cotidiano**, Niterói, v. 14, n. 1, 2020.

MAZUI, Guilherme. Bolsonaro chama Greta Thunberg de 'pirralha' ao comentar declaração da ativista sobre morte de índios. **G1**, 10 dez. 2019.

SILVA, Francisco. Violência em rede: discursos sobre Greta Thunberg em comentários on-line. **Rev. Estud. Ling.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 1551-1579, 2020

VIZEU, Alfredo Junior. Jornalismo e as representações sociais: algumas considerações. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 13, n. 30, p. 31 a 38, 2006.